

Meu filho

Filho meu de outro tempo, armei-te de ouro e lança,
 Exortei-te a sonhar: «ama, constrói, ensina!...»
 E transformaste o mando em presença assassina;
 Vejo-te a trilha em fogo onde a memória alcança.

Quis ver-te reencarnado... O amor jamais descansa.
 E achei-te — águia enjaulada em gaiola mofina —
 Cego e mudo a esmolar e a gemer em surdina.
 Trazes luto no peito e chagas na lembrança!...

Chorei ao reencontrar-te em provações supremas...
 Louvo, entanto, meu filho, as ríspidas algemas
 Da dor a nos surzir, ao redor de teus passos!...

O pranto lavará nossas culpas longevas,
 E, um dia, subirás da humilhação nas trevas
 Para a glória da luz na concha dos meus braços.

EPIPHANIO LEITE

Crianças doentes

Acalentas nos braços o filhinho robusto que o lar te trouxe e, com razão, te orgulhas dessa pérola viva. Os dedos lembram flores desabrochando, os olhos trazem fulgurações dos astros, os cabelos recordam estrigas de luz e a boca assemelha-se a concha nacarada, em que os teus beijos de ternura desfalecem de amor.

Guarda-o, de encontro ao peito, por tesouro celeste, mas estende compassivas mãos aos pequeninos enfermos que chegam à Terra como lírios contundidos pelo granizo do sofrimento.

Para muitos deles, o dia claro inda vem muito longe...

São aves cegas que não conhecem o próprio ninho, pássaros mutilados esmolando socorro em recantos sombrios da floresta do mundo!... Às vezes, parecem anjos pregados na cruz de um corpo paralítico ou mostram no olhar a profunda tristeza da mente anuviada de densas trevas.

Há quem diga que devem ser exterminados para que os homens não se inquietem; contudo,